

QUANDO O NACIONAL É O MUNDO: DISCUTINDO O *LOCUS* DE
ENUNCIÇÃO TRADUTÓRIO E AUTORAL NUM POLISSISTEMA
MULTICULTURAL PÓS-INDEPENDENTE

*WHEN THE NATIONAL IS THE WORLD: DISCUSSING TRANSLATIONAL AND
AUTHORIAL LOCUS OF ENUNCIATION IN A MULTICULTURAL POST-
INDEPENDENT POLYSYSTEM*



Agnes Jahn Sturzbecher¹
(Mestranda em Estudos da Tradução - POSTRAD/UnB)
agnesjahn@gmail.com

Resumo: Partindo dos conceitos de “local” e “cosmopolita”, de Antonio Candido, que opôs dialeticamente dois locais de fala, o presente artigo pretende discutir o local autoral e tradutório no polissistema multicultural, que tem local e cosmopolita no mesmo espaço e tempo. Sob essa perspectiva, em qual desses dois locais fala um autor pós-independentista? Silviano Santiago sugere um terceiro lugar, o “entre-lugar”, o qual representa um novo momento da crítica literária. Esse momento gera novas questões também na crítica tradutória, ora repensando antigos posicionamentos teóricos, ora sugerindo novos. Além disso, levanta a questão fundamental da construção do estereótipo, a exotização e o papel do tradutor como (des)continuador dessa prática, uma vez que o encontro do leitor com o texto se faz não mais no doméstico nem do estrangeiro, exclusivamente.

Palavras-chave: Tradução; Pós-independentismo; Entre-lugar; Multiculturalismo; Polissistema.

Abstract: Starting from the concepts of “local” and “cosmopolitan”, by Antonio Candido, who dialectically opposed two places of speech, this paper will discuss the authorial and translational place into a multicultural polysystem that has local and cosmopolitan at the same settings. Under this perspective, from where of these two places do speak a post-independentist author? Silviano Santiago suggests a third place, the “in-between” one, which represents a new moment to the literary criticism. This moment also generates new questions to the translation studies, now rethinking old theoretical positions, and then suggesting new ones. Besides, this moment makes the essential question of the stereotype construction, exotization, and the translator role as a (dis)continuer of this praxis, once the encounter between reader and author does not happen neither in the domestic nor in the foreign exclusively, anymore.

Key-words: Translation; Post-independentism; Space in-between; Multiculturalism; Polysystem.

1. Introdução

O presente artigo pretende, antes de mais nada, levantar questionamentos sobre a dicotomia estrangeirização-domesticação (VENUTI, 1995) presente na análise do fazer tradutório. Sob a perspectiva histórica, esse artigo parte das práticas tradutórias de Cícero e São Jerônimo - “*non verbum de verbo, sed sensum exprimere de sensu*” - e permite

STURZBECHER. Quando O Nacional é o Mundo: discutindo o *locus* de enunciação tradutório e autoral num polissistema multicultural pós-independente.

Belas Infêéis, v. 3, n. 2, p. 7-20, 2014.

antever a questão da diversidade cultural e as características resistente, poética e multilíngue do fazer literário em países que sofreram o processo de descolonização. Os dois locais de enunciação propostos por Antonio Candido (2006), *local* e *cosmopolita*, são pensados pelo viés do “entre-lugar”, proposto por Silviano Santiago (1971), como forma de refletir sobre o sujeito autoral pós-independentista, o qual conflite consigo mesmo e suas tradições *localistas* e com o seu objetivo dialógico *cosmopolita*².

Quando São Jerônimo retoma o posicionamento ciceroniano de não traduzir “palavra-por-palavra”, ou *verbum pro verbo*, distinguindo no texto secular e no sagrado duas diferentes formas de traduzir, ele tornou explícito dois pilares da tradução: sentido e forma. Para São Jerônimo, a tradução dos textos seculares preocupava-se com o sentido, em oposição aos textos sagrados, cuja ordem das palavras também considerada sagrada, eram traduzidos mais próximos do texto de partida, isto é, de sua forma (OUSTINOFF, 2011). Dessa distinção, desdobram-se vários outros pilares: (in)fidelidade, adaptação e tradução, domesticação e estrangeirização, dentre outros. Ora, é contra esse pensamento binário e ahistoricizado que o pensamento dialético se desenvolve e, conseqüentemente, que a literatura fronteira desses países se constrói, pois o par binário é entendido como os extremos de um continuum.

8

Para desenvolver essa concepção entre tradução e *locus*, esse artigo está dividido em quatro partes: O pensar dialético de Antonio Candido; A verificação de um terceiro lugar: seu inerente não-pertencimento; A prática tradutória reflexiva e; Conclusões preliminares.

2. O pensar dialético de Antonio Candido

Em *Literatura e Sociedade* (2006), Antonio Candido analisa a relação dialética *local* e *cosmopolita*, na construção do sistema literário brasileiro. Se por um lado, esse fazer literário se espelhou, primeiramente, nas tradições literárias europeias, por outro, essa assimilação foi transformada pelo “ser brasileiro”, de forma que sua literatura remete à europeia, mas dela se afasta. Já o fazer literário *cosmopolita* está canonizado e não precisa buscar um modo de falar distinto, que o legitime, pois seus temas e formas são produzidos assim como na Europa. Como esses conceitos se constroem um em relação ao outro, o *local* tenta se fazer pertencer ao *cosmopolita*, mas sem apagar suas características próprias; pelo contrário, o *local* seria legitimado no *cosmopolita* justamente por se apresentar como tal e por ser uma derivação do *cosmopolita*. Dessa forma, segundo Candido,

STURZBECHER. Quando O Nacional é o Mundo: discutindo o *locus* de enunciação tradutório e autoral num polissistema multicultural pós-independente. *Belas Infêis*, v. 3, n. 2, p. 7-20, 2014.

pode-se chamar dialético a este processo porque ele tem realmente consistido numa integração progressiva de experiência literária e espiritual, por meio da tensão entre o dado local (que se apresenta como substância da expressão) e os moldes herdados da tradição europeia (que se apresentam como forma da expressão).” (CANDIDO, 2006, p. 116).

Portanto, o *cosmopolita* é o deslocamento do local de fala da periferia literária para seu centro (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 14), no caso brasileiro, para Portugal, como “um meio de encarar com olhos europeus as nossas realidades mais típicas” (CANDIDO, 2006, p. 120), pois, uma vez que o *cosmopolita* aspira o mundo como seu local de fala, suas necessidades e vontades extrapolam sua nacionalidade, tornando-se universais. Candido assim fala sobre a tendência cosmopolita brasileira, que está sempre: “às voltas com problemas intemporais do destino humano, não raro tendo a Europa por cenário, carregada de intenções simbólicas, de vistosa erudição e complicados arrojos vocabulares” (*ibidem*, p. 134).

O *local*, por sua vez, se relaciona com o nacional, no que tange o conteúdo da obra. Assim, a construção do tom e dos elementos constituintes da narrativa (espaço, personagens, tempo, a própria narrativa, etc) são apresentados segundo a perspectiva da aceitação do local de fala do autor, por isso, a singularidade da voz periférica, já que está às margens do considerado central (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 16), revelando, em oposição à Europa, aquilo que é genuinamente brasileiro. Sua preocupação com a forma, portanto, revela mais do que sua simples assimilação, sua transformação, a qual Oswald de Andrade chamará de antropofagia (*ibidem*, p. 171).

Dessa forma, os conceitos de *local* e o *cosmopolita*, são mais do que delimitações de espaços geográficos, devido à diversidade de características tanto locais quanto universais coexistindo num mesmo espaço, podendo usar desses espaços para se oporem. Se por um lado, o nacional é valorizado, sem mais depender do olhar estrangeiro, constituindo uma maneira própria de falar de si, por outro, isso só foi alcançada depois de muito importar formas e conteúdos literários europeus, num processo de acumulação literária, até essa capacidade se constituir autônoma. Assim, esses conceitos são formas de fazer literário, cuja identificação e sentimento de pertencimento elegem uma maneira de se apresentarem.

Ao estender esses conceitos brasileiros para outros sistemas literários, cujas características de dependência coincidem, é possível pensar a literatura, no século XX, dos países recém-independentes africanos, americanos e asiáticos, e, a partir deles, inserir o terceiro lugar de fala, proposto por Silviano Santiago (1971), o “entre-lugar”. O caráter pós-

independente desses países deu a ver um sujeito autoral fragmentado, que se desloca constantemente entre o *local* e o *cosmopolita*, para se constituir e se revelar.

Dentro da teoria dos polissistemas, Even-Zohar separa os sistemas literários em independentes e dependentes (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 79). A primeira categoria se refere à construção de uma literatura sem a necessidade explícita de outra literatura como base, na qual as literaturas estrangeiras assumem um papel secundário ou temporário. A segunda categoria se refere aos sistemas literários que se formam a partir de uma outra literatura, tendo esta como parte de si, sem a qual não conseguiriam existir.

Assim, se pensarmos a literatura brasileira no início de sua formação, como também as literaturas pós-independentistas, veremos que estão na segunda categoria, uma vez que elas se apoiam nas literaturas dos países que as dominaram. Porém, o que ambas têm em comum é a subversão. Para Silviano Santiago, “o invisível torna-se *silêncio* em seu texto, a presença do modelo, enquanto o visível é a mensagem, é ausência no modelo” (SANTIAGO, 1971, p. 25). De forma que o que é dito toma de assalto a forma usada e a ressignifica, para não mais ser um simples copiador de modelos, mas um pensador daquilo que copia, como diz Santiago, sobre Paul Valéry, “o leão é feito de carneiro assimilado” (*ibidem*, p. 19).

Com a relativização desses dois locais de fala pela inserção de um terceiro, pensando o processo tradutório desses textos polifônicos (e muitas vezes multilíngues), como são vistos os conceitos popularizados por Venuti (1995), de *domesticação* e *estrangeirização*? E como propor uma outra abordagem a esse binarismo, no qual as traduções têm sido acriticamente rotuladas?

3. A verificação de um terceiro lugar: seu inerente não-pertencimento

Quando se fala em dois locais de fala, nos quais cada um visa um objetivo distinto, pensa-se em binarismos, assim como qualquer outra oposição que perde sua espessura histórica devido à descontinuidade do pensamento (MESCHONNIC, 2007, p. 36). Porém, o *local-cosmopolita* deve ser entendido dialeticamente, uma vez que gera reflexões críticas sobre si e sobre o outro, gerando transformações ininterruptas. Assim, segundo Candido, “a atitude adotada pode ser definida como sentimento dos contrários, isto é: procura ver em cada tendência a componente oposta, de modo a apreender a realidade da maneira mais dinâmica, que é sempre dialética” (CANDIDO, 1989, p. 163). Esses sentimentos de contrários fazem com que o *local* e o *cosmopolita* sejam vistos em *continuum* (MESCHONNIC, 2007, p. 57), de forma que, sendo

eles os extremos, exista algo que se encontre num meio termo, onde eles coexistam e façam dali um terceiro lugar.

A existência desse terceiro lugar revela a convivência de ambas as tendências locais e universais, que pode se expressar por meio da linguagem, da forma e da construção discursiva. Assim, uma vez que ambos os extremos são subvertidos um pela presença do outro, ocorre uma relativização e interferência entre eles, o que resulta num híbrido tanto cultural quanto discursivo, que revela também o caráter híbrido de quem de lá fala. Logo, nessa relação-limite, posiciona-se esse sujeito enunciador.

Santiago, ao nomear o local de fala dos escritores pós-independentistas de “entre-lugar”, ressaltou o fronteiro, que limita e distingue o *local* do *cosmopolita*. Essa esquizofrenia do sujeito cindido se dá na medida em que não há uma congruência subjetiva nem com sua nação, à qual deveria se identificar, nem com o país dominador, ao qual jamais pertencerá.

Portanto, esse sujeito se vê diante de grandes decisões que efetivamente constroem uma representação menos alienada de si para o resto do mundo, e para tal, ele faz escolhas de todos os tipos e complexidades, como: em qual língua escrever?; quais características quero ressaltar sobre a sociedade a qual pertencço e sobre como vejo o mundo?; como apresentar o que há de singular nas minhas tradições?; etc.

Ora, a construção do pensamento passa pela mediação da linguagem, a qual reflete não só esse sujeito cindido, mas também a continuidade existente entre esses dois posicionamentos, onde esse sujeito pertence historicamente. Se por um lado, ele é fruto do processo independentista de seu país, que busca para além da autonomia, um local de fala, por outro, esse sujeito fala ou para seu próprio país, em sua língua materna - e se restringe às pessoas alfabetizadas ou à codificação feita dessa língua - ou ele escreve para o mundo, utilizando-se da língua europeia, como instrumento não só de denúncia, mas também de contraponto - o que minimiza a leitura de suas obras por parte de grande parte de pessoas de seu país, que não aprenderam a língua oficial. Silviano Santiago, em entrevista, diz que

ele [o escritor] é obrigado a trabalhar com formas-prisões, e uma das coisas que destaco é que a forma-prisão é sempre canônica, ela é imposta de fora. É aquele exterior com o qual temos de conviver, devemos conviver, e na medida do possível devemos transgredir, para que surja uma voz que tenha certa originalidade, que não seja mera cópia (Entrevista para Carlos Miranda, revista UOL) (MIRANDA, s/d, p. 2).

O que Silviano Santiago defende, portanto, é a cópia fruto de uma reflexão, como instrumento do pensamento crítico sobre o local de fala híbrido, que concebe a forma-prisão como oportunidade de se aproximar do canônico e de transgredi-lo, para revelar o sujeito habitante do *local-cosmopolita*.

A partir desse terceiro lugar, pode-se pensar a obra produzida como prática do pensamento emancipatório, que deve conviver com as formas-prisões, diversificando-as por meio da representação dos elementos endógenos, isto é, da convivência *local-cosmopolita* nas suas redes sintático-semânticas. Assim, não seria esse sujeito-autor seu próprio e primeiro tradutor? Se o texto é escrito numa língua europeia e perpassado por aspectos culturais e linguísticos locais, em qual língua o sujeito primeiro pensou o texto? Na sua língua materna, o que faz da sua escrita universal uma autotradução. Então, não é a tradução o meio basilar para sua manifestação? Casanova (2002), ao chamar de “homens traduzidos” os sujeitos autotradutores, diz ainda que: “a dupla tradução ou a autotranscrição é assim um modo de conciliar os imperativos literários e os "deveres" nacionais” (*ibidem*, p. 312).

Mas como pensar o fazer tradutório e suas consequências sem se voltar ora para o *local* e ora para o *cosmopolita*? Em qual medida também esse pêndulo tradutório não tem sido compreendido binariamente?

12

4. A prática tradutória reflexiva

Risterucci-Roudnicky (2008) apresenta a tradução como um híbrido cultural, por conter não só aspectos locais como também marcas do texto de partida. Assim, a autotradução ressalta mais uma vez o caráter *local-cosmopolita* do sujeito-autor, além de deixar esse terceiro lugar explícito para uma tradução futura. Essa futura tradução deve revelar esse local ambíguo de onde o escritor fala, deixando ver os conflitos e críticas a ele feitas.

Assim, o pensamento pós-independentista, nas suas manifestações literárias e suas relações discursivas com o pensamento ocidental, deve ser percebido como o Outro, o desconhecido e o Estrangeiro, em oposição histórica e dialética direta ao Ocidente. O Estrangeiro não precisa ser obrigatoriamente revelado, mas, se há o interesse tanto do autoconhecimento quanto da atualização cultural, ele é peça fundamental (BERMAN, 2008, p. 96). Apesar disso, nunca saiu de voga sua consideração em contraposição ao não aparecimento de Outro.

Se, desde Roma, o Outro é tido como justificativa para o enriquecimento de uma nação a partir de outra, então, o mundo ocidental sempre foi pensado sob a ótica da anexação e, em menor grau, a do descentramento³ (MESCHONNIC, 2007, p 64). Ao se anexar um texto, ou forma literária, há um movimento de apropriação do Outro, isto é, a alteridade é sufocada pelo sujeito que sente a necessidade de possuir o diferente e dele se servir (MESCHONNIC, 2007, p 64; BERMAN, 2008, p. 39). O movimento de deslocamento da anexação para o descentramento, por sua vez, visa o reconhecimento do lugar do Outro e mais do que isso, sua legitimação como sujeito discursivo capaz de dialogar histórica e dialeticamente com seus pares (MESCHONNIC, 2007, p. 52). Assim, essa transformação de posicionamento gera uma mudança de ponto de vista, no que concerne à escrita pós-independentista e à ocidental.

Ora, se por um lado, pensa-se o pós-independentismo como consumidor das vogas literárias europeias, por outro, esse mesmo consumidor consegue distinguir o Estrangeiro (Ocidental) nessas formas e subvertê-las para servir ao seu propósito transgressor dentro do sistema literário independente. Essa tentativa deixa o Outro se manifestar, dentro das formas-prisões de Santiago, permitindo, assim, o desabrochar do descentramento pós-independentista, nos sistemas independentes. Isto é, o acúmulo literário se dá primeiro pela anexação para depois haver uma aceitação do Outro. No caso pós-independentista, o universal foi lido para se pensar o local, numa tentativa de, a partir de um local estabelecido, ou pelo menos conhecido, voltar-se novamente para o universal com o intuito de se fazer perceber e, assim, adquirir uma posição de Outro, não mais apagado pelas vias da *domesticação*.

Assim, esse pensamento desenvolvido por Meschonnic se opõe ao proposto por Venuti, pois este vê a *estrangeirização* e a *domesticação* na descontinuidade do pensamento binário, como um par a-histórico e dicotômico. Quando Meschonnic propõe esse movimento que parte da anexação para o descentramento, ele pensa uma nova abordagem da teoria da linguagem, num contínuo do pensamento, que é dinâmico, histórico e dialético. Para ele, não há relações semiotizadas que possam pensar o todo, que é o discurso, com seu poema e ritmo, os quais são objeto da tradução. Sobre essa relação com o binarismo e o signo linguístico, Meschonnic diz que:

tudo o que foi mencionado até agora era necessário para posicionar e transformar a tradução, para transformar o pensamento da tradução, para transformar a prática de tradução, para transformar a avaliação social e poética da tradução. Em outras palavras, mais do que um texto diz, é o que um texto faz que deve ser traduzido; mais do que significado, seu poder, sua influência. Não é mais um sistema linguístico que deve ser traduzido, mas um sistema discursivo, não o descontinuum, mas o continuum⁴ (MESCHONNIC, 2007, p. 69)

STURZBECHER. Quando O Nacional é o Mundo: discutindo o *locus* de enunciação tradutório e autoral num polissistema multicultural pós-independente. *Belas Infêéis*, v. 3, n. 2, p. 7-20, 2014.

Dessa forma, o que Meschonnic propõe é a tradução que não leve em conta somente o signo, o que está dito, mas sua rede enunciativa, o como foi dito, e as construções semânticas e rítmicas no contínuo do pensamento tradutório a partir da prática.

O que Venuti propõe, a partir da leitura de Friedrich Schleiermacher (1768-1834), é a nominação de dois conceitos fundamentais das escolhas tradutórias: estrangeirizar e domesticar. Enquanto o primeiro sugere uma maior abertura para a percepção do Outro, por meio de uma tradução que permita ver “a sombra do original”, o segundo aponta para uma tradução que acolha o leitor da mesma forma que o texto de partida acolheu o seu leitor. As duas abordagens, portanto, visam o receptor, já que suas escolhas são determinadas pelo tipo de público que essa obra traduzida terá e pelo impacto que essa tradução pretende causar.

Snell-Hornby, porém, critica a teoria apresentada por Venuti no que se refere à fixação desse binarismo, num tempo e espaço suspensos, isto é, ela critica a lacuna histórica e dialética dessa oposição, a qual deveria não só revelar sua continuidade discursiva como também propor novas reflexões críticas acerca do fazer tradutório. Para contrapor esses conceitos de Venuti, Snell-Hornby volta ao que foi dito por Schleiermacher sobre seus métodos: “trata-se propriamente de ‘caminhos’ pelos quais o tradutor pode ‘enveredar-se’: ele deve ou ‘mover’ o seu leitor até “um lugar que propriamente lhe é estranho” ou ele ‘move o autor’, ‘coloca-o diretamente no mundo dos leitores” (HORNBY apud SCHLEIERMACHER, 2012, p. 191). Dessa forma, Snell-Hornby devolve-lhe a espessura histórica, o que permite pensar essa reflexão teórica no contínuo do pensamento.

Sobre o impacto que a tradução pode causar no sistema literário de chegada, Even-Zohar, ao teorizar sobre os polissistemas, assinala as funções primária e secundária da obra traduzida. A função primária diz respeito à posição de prestígio que essa tradução terá por se tratar de trazer a inovação e a não-observação dos modelos canônicos locais, normalmente associada aos sistemas dependentes, os quais fundamentam seus modelos literários de prestígio naquilo que é importado. Assim, a literatura considerada canônica exerce mais uma vez sua hegemonia sobre a literatura local. A função secundária, por sua vez, relaciona-se com a manutenção do *status quo* da poética vigente (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 21), de forma a tradução não transforma nem influencia o cânone, pois não há o caráter inovador. Assim, o sistema literário independente, quando traduz, acomoda o texto de chegada em seus modelos.

Ao relacionar os conceitos apresentados por Venuti com os apresentados por Antonio Candido, percebe-se que o *local* e o *cosmopolita* relacionam-se, respectivamente, com a

domesticação e a estrangeirização, na medida em que se aproximam ou se distanciam do público de chegada. Por um lado, o *local* e a domesticação se constroem sob forma de aproximação, na qual o leitor visualiza suas correspondências culturais na obra traduzida, sentindo-se muito mais confortável com a leitura. Por outro, o *cosmopolita* e a estrangeirização se comportam no domínio do Outro, onde, muitas vezes, a má compreensão desse Outro leva ora aos estereótipos ora aos exotismos, ambos prejudiciais à manifestação plena do Outro, tal como defende Berman.

Com o pós-independente e a relativização do *local* e do *cosmopolita*, a dicotomia domesticação-estrangeirização também passa por uma mudança de perspectiva. Agora, o “entre-lugar” relativiza-se e põe em xeque esse binarismo, de forma a apresentar ambas as tendências nas práticas tradutórias. Se a tradução se fundamenta em dois sistemas linguísticos diversos, então o simples gesto de transpor uma obra já pode ser considerado uma domesticação, já que moveu o autor para mais próximo do leitor. Mas, ao manter marcas culturais, ser fiel à letra, por “acolher o Estrangeiro na sua corporeidade carnal” (BERMAN, 2008, p. 98). Assim, a existência de ambos os conceitos de Candido e de Schleiermacher numa só corporeidade exige do sujeito tradutor e, conseqüentemente, do produto da tradução, a revelação híbrida e conflitante do texto de partida.

Assim, para que o processo tradutório permita ver o Outro, Berman sugere a prática ética da tradução. Segundo ele, “o objetivo ético, poético e filosófico da tradução consiste em manifestar na *sua* língua esta pura novidade ao preservar sua carga de novidade” (*ibidem*, p. 97-8). De forma que tanto a língua é enriquecida, e assim, a cultura, quanto o Outro é respeitado.

A tradução ética, portanto, tem o duplo papel de fazer do Outro sujeito e de reconhecê-lo como tal, para, a partir daí, ser agente de transformação. Dessa forma, o processo de tradução ética vai além da dicotomia *domesticação-estrangeirização*, uma vez que deve apresentar o Outro e, ao mesmo tempo, acrescentar elementos inovadores a sua cultura. Utilizando-se criticamente desses conceitos, o tradutor constrói uma rede discursiva que atinja seu objetivo e que satisfaça seu projeto de tradução.

Wole Soyinka, primeiro ganhador africano do Prêmio Nobel de Literatura, é um exemplo de “escritor traduzido”. Nigeriano, de etnia yorubá, Soyinka estudou na *University College*, em Ibadan (1952 - 1954) e, posteriormente na Universidade de Leeds, em Leeds (1954 - 1957), tornando-se um renomado professor de literatura e crítica literária. Soyinka, durante a Guerra da Biafra, foi acusado de conspiração por cometer traição e ficou preso por vinte e dois

meses (SOYINKA, 2002). Sua posição política e ideológica manifesta em suas obras literárias (dramáticas, poéticas e opinativas) evidencia a necessidade da autoconsciência sobre o seu lugar de fala e de como sua cultura tradicional é relevante para perceber esse lugar.

Suas obras são escritas em inglês com a presença incisiva não só da sua língua materna, yorubá, como das tradições culturais locais, num híbrido identitário que o distingue dentro da sua própria comunidade e fora dela. Assim, o terceiro lugar é de onde ele fala e sua escrita é tensionada entre o *local* e o *cosmopolita*. Ao aproximar Ogun, por exemplo, a três entidades gregas, Soyinka busca uma forma de diálogo e entendimento (MACEBUH, 2001, p. 31) sem descaracterizar Ogun nem deixa-lo completamente incompreensível, sem bases comparativas.

Da mesma forma, em muitos de seus dramas, Soyinka insere poemas e canções yorubás, numa situação linguística singular, ao trazer o inglês padrão, o inglês nigeriano, o *pidgin* e o yorubá para caracterizar social, educacional e economicamente os personagens. A própria escolha do gênero drama é consciente e política. Segundo Soyinka, “o drama pode dar lugar à poesia e à música para disseminar sentimentos perigosos sob os olhos observadores do opressor, já que são mais facilmente comunicáveis”⁵ (SOYINKA, 2002, p.421). Além disso, as crenças e tradições são apresentadas sem a presença de notas e explicações, o que revela algumas características do Outro e o constrói.

The Road (1965), drama ainda não traduzido para o Brasil, por exemplo, foi primeiramente encenado, em setembro de 1965, sob a direção de David Thompson, durante a *Commonwealth Arts Festival*, no *Royal Court Theatre*, em Londres. Nela, as situações econômicas e sociais dos personagens são explicitadas nos seus registros de fala:

SAMSON: He's not as good as the first man—that's what Professor says.

SANSÃO: Ele não é tão bom quanto o primeiro homem - isso é o que o Professor diz.

SALUBI: Why he dey come play dat ting every morning self? Nobody dey inside church.

SALUBI: Por que *dey* tocar essa coiza todas as manhãs ele próprio? Ninguém *dey* dentro d'igreja.

PROF.: Come out of there. I can see you. How many of you are there? Come out come out. You may be the devil's own army but my arm is powered with the unbroken Word!

PROF: Saia daí. Eu posso vê-lo. Quantos de vocês estão lá? Saia, saia. Vocês devem ser o próprio exército do diabo, mas meu braço é alimentado com a Palavra inquebrável!

SAMSON: P-p-please sir, I think you have made a mistake.

SANSÃO: Pp-por favor, senhor, eu acho que você cometeu um erro.

Assim, Salubi (cobrador) é o menos escolarizado, depois Sansão (motorista) e, por fim, o Professor (líder tanto religioso quanto profissional). Essa relação de poder, relaciona-se diretamente com o conhecimento que cada um tem e apresenta-se como crítica primeira à situação do país, no que diz respeito à inclusão e marginalização social, e segunda à incompreensão das tradições religiosas locais, vistas como insanidade ou caduquice, no papel do Professor. Ainda sobre as características locais, Soyinka insere nesse drama canções em yorubá:

Ona orun jin o eeeee
 Ona orun jin dereba rora
 E e dereba rora
 E e dereba rora
 Ona orun jin o eeeee
 Eleda mi ma ma buru
 Esin baba Bandele je l'odan
 Won o gbefun o
 Eleda mi ma ma buru
 Esin baba Bandele je l'odan
 Won o gbefun o

Desse modo, a tradução dos “homens traduzidos”, como Soyinka, requer a percepção máxima de quais elementos compõem o Outro e como eles devem ser reproduzidos, uma vez que o Outro se revela nas redes semânticas e se relacionam diretamente com aquilo que criticam. Dessa forma, a busca por uma ética está intrinsecamente ligada ao projeto político da revelação e legitimação de quem agora alimenta o sistema literário do qual, antes, se alimentava.

STURZBECHER. Quando O Nacional é o Mundo: discutindo o *locus* de enunciação tradutório e autoral num polissistema multicultural pós-independente. *Belas Infêis*, v. 3, n. 2, p. 7-20, 2014.

O tradutor, portanto, precisa avaliar seu projeto de tradução e tentar alinhá-lo com o do autor, pois ambos lidam, em seu tempo e espaço próprios, com o *local* e o *cosmopolita* e tentam equilibrar dialeticamente esses dois lugares. Para além do equilíbrio, o tradutor também transforma o leitor que se depara com o desconhecido e dele apreende o novo, numa relação ética consigo e com o Outro.

5. Conclusões preliminares

Assim, o presente artigo, ao discutir a presença do Outro representado como o sujeito pós-independentista, a partir dos termos de Silviano Santiago sobre o “entre-lugar”, defendeu a conscientização do papel social do tradutor, numa relação ética e política. Como ponto de partida, os conceitos de Antonio Candido foram relacionados com os de Schleiermacher, sobre *local* e *cosmopolita*, sendo que a crítica de Snell-Hornby evidenciou a dicotomia não-reflexiva feita por Venuti.

Além disso, a questão da tradução ética foi levantada sob a perspectiva da relativização e revitalização crítica dos conceitos de Venuti, não mais como extremos não-dialógicos, mas como *continuum* discursivo, cujos referentes tradutórios o tradutor usa para formar seu projeto de tradução.

Em textos pós-independentistas, por sua vez, as informações contextuais são relevantes para a percepção daquilo que a obra critica e para que não passe despercebido o teor político e ético das redes discursivas polifônicas e multiculturais. O tradutor é um agente da transformação de estereótipos e exotismos que cercam as obras não-Ocidentais, por isso, a conscientização desse papel é crucial para que o engajamento do autor não se perca dentre as escolhas lexicais do tradutor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. p. 395.

BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra ou O Albergue do Longínquo**. Trad. de Marie Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/ PGET, 2008.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
_____. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CASANOVA, Pascale. A tragédia dos “homens traduzidos”. **A República Mundial das Letras**. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade Ltda, 2002.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Interference in Dependent Literary Polysystems. In: **Poetics Today** 11:1, 1990. p. 79-83.

MACEBUH, Stanley. Poetics and Mythic Imagination. In: JEYIFO, Biodun (ed). **Perspectives in Wole Soyinka: freedom and complexity**. Mississippi: University Press of Mississippi, 2001. p. 27 - 40.

MESCHONNIC, Henri. **Ethics and Politics of Translating**. Trad. e ed. de Pier-Pascale Boulanger. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.

MIRANDA, Carlos Eduardo Ortolan. **Silviano Santiago: “Literatura é paradoxo”** [entrevista]. s/d. Disponível em < <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2375,1.shl>>, acesso em 02 de agosto de 2014, às 00:32.

OUSTINOFF, Michaël. **Tradução: história, teorias e métodos**. Trad. de Marcos Marcionillo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1971. p. 9- 26.

SNELL-HORNBY, Mary. A “estrangeirização” de Venuti: o legado de Friedrich Schleiermacher aos Estudos da Tradução? In: **Pandaemonium**, São Paulo, v. 15, n. 19, Jul. /2012, p. 185-212. Disponível em <www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum>, acesso em 2 de março de 2014, às 17:26.

SOYINKA, Wole. Drama and the African World-view. In: **Myth, Literature and the African World**. New York: Canto, 2005. p. 37- 60.

_____. Theatre in African traditional cultures: survival patterns. In: JEYIFO, Biodun (ed). **Modern African Drama**. New York: W. W. Norton & Company, 2002.

RISTERUCCI-ROUDNICKY, Danielle. **Introduction à l’analyse des oeuvres traduites**. Paris: Armand Colin, 2008.

STURZBECHER. Quando O Nacional é o Mundo: discutindo o *locus* de enunciação tradutório e autoral num polissistema multicultural pós-independente. *Belas Infêis*, v. 3, n. 2, p. 7-20, 2014.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility**. A history of translation. London/ New York: Routledge, 1995 (Translation Studies 5).

RECEBIDO EM 29/12/2014

ACEITO EM 19/01/2015

¹ Lattes Agnes Jahn Sturzbecher. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7104717976872428>. Acesso em: jan. 2015.

² Para distinguir os termos cunhados, por Candido, daqueles usados em suas acepções gerais, *local* e *cosmopolita* e com suas variações, serão usados em itálico doravante.

³ Segundo Meschonnic, “o papel da teoria é transformar a prática, o papel da prática é revelar teorias. A política da teoria, junto à necessidade antropológica e poética, é fazer o deslocamento da anexação para o descentramento” (p. 64). Tradução minha: The role of theory is to transform practices, the role of practices is to reveal theories. The politics of theory, along with its anthropological and poetic necessity, is to make the shift from annexation to decentring. It is also its immediate relevance.

⁴ Tradução minha: All that has so far been mentioned was necessary to position and transform translating, to transform the thought of translating, to transform the practice of translating, to transform the social and poetic evaluation of translating. In other words, more than what a text says, it is what a text does that must be translated; more than the meaning, its power, its affect. It is then no longer a language system that must be translated but a system of discourse, not the discontinuum but the continuum (p. 69).

⁵ Tradução minha: Drama may give way to poetry and song in order to disseminate dangerous sentiments under the watchful eye of the oppressor, the later forms being more easily communicable.